

## A poética da natureza em *O pastor amoroso*, de Alberto Caeiro

### Poetic nature in *O pastor amoroso*, by Alberto Caeiro

Alex MORETTO<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo mostra a forte oposição que há entre as obras *O guardador de rebanhos* e *O pastor amoroso*, ambas de Alberto Caeiro. Assim, comparamos as duas e as confrontamos, mostrando como era Caeiro quando vivia sozinho, de forma primitiva, junto à Natureza, sentindo-se um elemento dela, e como passou a viver a partir do momento em que apareceu a figura feminina em sua vida, modificando seu modo de sentir e de olhar. Ele passa a viver de forma consciente e envolve-se com os sentimentos humanos, distanciando-se da Natureza.

**PALAVRAS-CHAVE:** natureza, amor, filosofia, vida.

**ABSTRACT:** The article shows that there is a strong opposition among the poems *O guardador de rebanhos* and *O pastor amoroso*, both by Alberto Caeiro. So we compared the two and confront them, showing how Caeiro was when he lived alone, in a primitive way, next to Nature, feeling an element of it, and how lived from the time it appeared the female figure in his life modifying his way of feeling, looking and living. He goes to live consciously and engages with human feelings, distancing himself from Nature.

**KEYWORDS:** nature, love, philosophy, life.

### Pessoa-pessoas

Fernando Pessoa, ao lado de Camões e Bocage, é considerado pela crítica literária como um dos maiores poetas da Literatura Mundial. Mas não é por acaso que possui todo esse prestígio. Sua biografia tem algo que é considerado um fenômeno, que nunca foi visto em nenhum outro poeta. O fenômeno da heteronímia, um “fantástico projeto concebido e realizado por Pessoa, de ser sozinho ‘toda uma literatura’”. (PERRONE-MÓISES, 2000, p.147; aspas da autora), se tornou objeto de estudo de diversos pesquisadores, e continuará sempre instigando a todos aqueles que conhecem sua produção literária.

<sup>1</sup> Especialista em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos, pela Faculdade São Luís, Jaboaticabal - SP. CEP: 14870-370. E-mail: [alex.moretto@yahoo.com.br](mailto:alex.moretto@yahoo.com.br). O artigo é resultado do trabalho monográfico (Iniciação Científica) de mesmo título, desenvolvido na graduação em Letras na Faculdade Bandeirantes, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade.

Esse fenômeno foi definido pelo próprio Pessoa como histeroneurastenia, como mostra a carta escrita por ele a seu amigo Adolfo Casais Monteiro, que era crítico literário, datada de 13 de janeiro de 1935:

A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histórico-neurastênico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenômenos de abulia, que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registro dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. (NICOLA, INFANTE, 1995, p. 23)

Porém, para os críticos há outras explicações sobre esse fenômeno. Entre elas, podemos citar o que diz Massaud Moisés (2000). Segundo ele, Fernando Pessoa não assimilou apenas o passado lírico do seu povo, como refletiu em si as grandes inquietações humanas. Fazia-se necessário então ter uma cosmovisão do mundo, para entender melhor todas essas inquietações; e daí surge a multiplicação do poeta em vários outros, tornando-se um eu-Humanidade. Entretanto ao mesmo tempo um eu despersonificado, que procurava a unidade, a integridade do ser humano, através de diversos olhares de poetas diferentes. Então podemos afirmar que Pessoa “parte do relativo (ou Relativo) para o absoluto (ou Absoluto)” (MÓISES, 2000, p. 242). Mas essas criações eram apenas sonhos e “não libertam Pessoa da solidão e tristeza, mas nos ajudam a perceber que, como ele, somos puros mutantes, decolando para viagens sem itinerários.” (DUARTE, 2006, p. 234).

Uma explicação mais detalhada sobre esse aspecto do fenômeno é a do autor Gilberto de Mello Kwjowski, que diz: “Universal é o poeta que fornece uma interpretação, ao mesmo tempo, múltipla e unitária da vida.” (KWJAWSKI, 1965, p. 12). Portanto, Pessoa pode ser classificado como poeta Universal, que apresentava personalidades poéticas que tinham ideias diferentes, estilos e técnicas de composição diversas.

Durante sua vida, Fernando Pessoa criou muitos heterônimos e semi-heterônimos, mas antes de citarmos alguns, é necessário diferenciar pseudônimo de heterônimo e semi-heterônimo.

Pseudônimo é um nome falso, usado para ocultar alguém. Já o heterônimo é outro nome, personalidade, biografia, caracteres físicos, formação cultural, profissão, ideologia. O semi-heterônimo é apenas uma ligeira despersonalização, e aparece quando há limitação de raciocínio, diferente do heterônimo, que se faz presente na vida de Pessoa. Mas suas obras não pertencem apenas aos heterônimos, existem também produções literárias do próprio Fernando Pessoa, chamadas de ortônimas.

O fenômeno da heteronímia começou quando Pessoa ainda era criança e criou um mundo fictício ao seu redor, com amigos e conhecidos que nunca existiram. Aos cinco anos, criou seu primeiro heterônimo, Chevalier de Pás, que escrevia cartas para ele mesmo. Na adolescência, criou Charles Robert Anon, H. M. F. Lecher, Alexander Search, especialista em palavras cruzadas. Além desses muitos outros foram criados, e segundo estudos foram mais de setenta heterônimos e semi-heterônimos.

Foi aos vinte e seis anos que o poeta completou sua maturidade literária, e a partir daí surgiram outros heterônimos e semi-heterônimos, entre eles, estão os mais conhecidos: Bernardo Soares, semi-heterônimo, que aparecia quando o poeta estava cansado e em estado de sonolência, escreveu o *Livro do Desassossego*. Ricardo Reis foi educado num colégio jesuíta, era médico, latinista e semi-helenista, defensor da Monarquia, amante da cultura clássica, um estudioso de latim, grego e mitologia. Álvaro de Campos teve uma educação vulgar, estudou mecânica e depois naval, poeta futurista, um homem do século XX, vive à margem de qualquer conduta social. Porém, tanto Ricardo como Álvaro e até mesmo Pessoa ele-mesmo são discípulos de outro heterônimo: Alberto Caeiro.

## **A criação do Mestre**

A criação de Alberto Caeiro ocorreu no dia 8 de março de 1914, e assim foi descrita por Fernando Pessoa a seu amigo Adolfo Casais Monteiro, em uma carta datada de 13 de janeiro de 1935:

acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não

conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com o título, “O guardador de rebanhos”. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome Alberto Caeiro. (NICOLA, INFANTE, 1995, p. 24)

Após o aparecimento de Alberto Caeiro, Pessoa escreveu seis poemas de autoria dele mesmo, que constituem “Chuva oblíqua”. E depois tratou de arrumar alguns discípulos para Caeiro; do falso paganismo de Pessoa, surgiu Ricardo Reis, e em oposição a este, escreveu a “Ode triunfal”, de Álvaro de Campos. A diferença entre os três é bem clara:

Com Caeiro fingimos que somos eternos, com Campos regressamos dos impossíveis sonhos imperiais para a aventura labiríntica do quotidiano moderno, com Reis encolhemos os ombros diante do Destino, compreendemos que o Fado não é uma canção triste, mas a Tristeza feita verbo. (LOURENÇO, 1986, p. 19)

Todos os três tiveram suas biografias escritas por Pessoa, mas para nós a que importa é a de Caeiro.

Alberto Caeiro da Silva nasceu no dia 16 de abril de 1889, em Lisboa, e morreu tuberculoso na mesma cidade, no ano de 1915. Era de estatura média, tinha cara raspada, louro, sem cor, olhos azuis. Na infância, ficou órfão de pai e mãe, e foi morar no campo com uma tia velha, onde passou quase toda sua vida. Viviam de pequenos rendimentos. Como relata Pessoa, Caeiro “não teve profissão nem educação quase alguma” (NICOLA, INFANTE, 1995, p. 25). Enfim, ele possuía apenas instrução primária. Poeta bucólico e pagão, sua vida foi muito simples, podendo ser resumida na produção de três obras: *O guardador de rebanhos*, *O pastor amoroso* e *Poemas inconjuntos*. Então, “se tivesse de declarar sua ocupação, devia ser poeta e nada mais. E, portanto, poeta natural.” (MOISÉS, 1998, p. 159)

As suas três obras estão voltadas para a Natureza e essa identificação com os elementos naturais o fez aproximar da prosa. Percebemos isso na leitura de seus poemas, onde não existem rimas, métricas e regularidades nas estrofes, parecendo uma prosa. Em seus textos fica claro, às vezes, que ele consegue parecer mais um elemento da Natureza, pois ele busca “viver simplesmente como as flores, os regatos, as fontes, os prados, etc., que são felizes apenas porque, faltando-lhes a capacidade de pensar, não sabem que o são.” (MÓISES, 2000, p. 244). Esse era o projeto vital de Caeiro,

atravessar a vida como parte da Natureza, e sua maior ambição era alegrar-se com o que as coisas são para os olhos. E nada mais.

Toda sua sabedoria consiste na visão de mundo de forma plena e sadia, vivendo em comunhão com ele e seus fenômenos. Essa ligação de Caeiro com as coisas foi uma espécie de reconquista do contato direto das coisas para Pessoa, pois ele tinha falta de compenetração com o real, por isso não atingia contato com as coisas e nem com ele mesmo. Portanto, Caeiro tornou-se o alter ego do poeta português, um elemento de mediação com o mundo e com ele mesmo, é o que explica o crítico literário Gilberto de Mello Kwjaswski. Caeiro tem sua forma própria de olhar a Natureza, ele como poeta pagão

nega a ordem universal das coisas. Bastam-lhe as coisas sem a ordem universal. Esta foi sua obra de catarse, de catarse necessária para que a poesia tornasse a partir das coisas mesmas e não das miragens decadentistas das coisas, como era uso no tempo... Significa que Alberto Caeiro nega a Natureza como Kosmos, mas não consegue negá-la como physys. (KWJAWSKI, 1965, p. 68).

Para Caeiro, o importante é ver as coisas, apenas ver e não pensar sobre as coisas. Porque o pensamento está ligado aos conceitos, que é criação humana. Para aquele que quer viver com naturalidade, é melhor não pensar, mas apenas ver e sentir. Por exemplo, ver uma árvore é apenas vê-la, e não pensar no que é uma árvore. Porém, segundo alguns críticos é impossível “ver sem pensar”, pois ao vermos, necessitamos do conceito das coisas para termos aquilo que é denominado visão completa. Mas ao dizer que ele não pensa, já está pensando. Caeiro pode ser considerado filósofo por ser guardador de ideias e sensações, “ele seria mestre também por descobrir no exercício de ser poeta o de ser filósofo, aquele que pastoreia ideias, conceitos.” (MÓISES, 1998, p. 181)

## **A Natureza presente nas obras de Alberto Caeiro**

Alberto Caeiro tem como tema central de seus poemas a Natureza, que é descrita de uma forma nas obras *O guardador de rebanhos* e *Poemas Inconjuntos*, e de outra em *O pastor amoroso*. Porém apesar dessa antítese como ele próprio diz:

Sou o Descobridor da Natureza,  
Sou o argonauta das sensações verdadeiras.  
Trago ao universo um novo Universo  
Porque trago ao Universo ele-próprio.  
(2007, p.87).

Enfim, ele é um “intérprete da Natureza/porque há homens que não percebem a sua linguagem/por ela não ser linguagem nenhuma”. (CAEIRO, 2007, p. 70).

Nas duas primeiras obras citadas, o eu poético demonstra uma harmonia completa com a natureza, desejando em alguns momentos ser como as coisas naturais que não pensam e simplesmente existem, porque “pensar incomoda como andar na chuva” (idem, 2007, p. 32). Esse desejo é expresso de diferentes maneiras, porém uma dessas nos chama a atenção, são os versos em que ele deseja ser um cordeirinho ou um “rebanho todo” só para andar pelas encostas, e assim ser muito feliz. Caeiro espera que quem o lê pense que ele seja “qualquer coisa natural”.

Sua forma de viver é estar próxima da Natureza, sentindo-a e vendo-a apenas, porém vendo as coisas como se nunca as tivesse visto. E com isso sentir-se nascido a todo momento “para a eterna novidade do Mundo” (idem, 2007, p. 34). Caeiro não pensa no Mundo

Porque pensar é não compreender ...  
O Mundo não se faz para pensarmos nele  
(Pensar é estar doente dos olhos)  
Mas para olharmos para ele e estarmos d acordo.  
(2007, p. 34)

Pensar também é “fechar os olhos” e não enxergar nem ouvir nada. Para Caeiro a Natureza está acima de qualquer pensamento, como por exemplo: “a luz do sol vale mais que os pensamentos/de todos os filósofos e de todos os poetas”.(2007, p. 38) Entretanto as coisas não devem ter sentidos, apenas devem ser sentidas.

O poeta acredita apenas naquilo que vê, então acredita na Natureza, pois pode vê-la. E se “Deus é as flores e as árvores/ e os montes e o sol e o luar” (2007, p. 39) então Caeiro acredita em Deus a toda hora. E sua vida é uma oração ou até mesmo uma missa, porque tem contato direto com a Natureza, e pensa nela “com os olhos e com os ouvidos”, enfim pensa usando os cinco sentidos do corpo humano. Então, “pensar uma flor é vê-la e cheirá-la/ e comer um fruto é saber-lhe o sentido” (idem, 2007, p. 48).

Segundo Caeiro, tudo que vemos é apenas aquilo que vemos, então, se vemos uma coisa, porém há outra, isso seria ilusão. Para o poeta bucólico não há significado em nada, uma flor é apenas uma flor, não existe beleza nela, porque isso somos nós que atribuímos. E ver é não pensar. O poeta é contra a “teoria” e a “teorização” das coisas, ele rompe com as abstrações e resgata certo objetivismo absoluto, propondo assim, uma desconstrução do conhecido acumulado. Essa forma de vida provoca nos poetas e filósofos certa estranheza

Porque o único sentido oculto das cousas  
É elas não terem sentido oculto nenhum,  
E mais estranho do que todas as estranhezas  
[...]  
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser  
E não haja nada de compreender.  
(2007, p. 79).

Ver uma borboleta com suas cores e movimentos é saber que a borboleta é só uma borboleta, e as cores são as cores, os movimentos são apenas movimentos. Tudo isso seria mais claro para nós se fôssemos como devíamos ser, e não seriam necessárias ilusões sobre as coisas.

De acordo com o poeta, a Natureza não é um todo, porém é partes. Para vermos essas partes, é necessário abandonarmos a filosofia, que corresponde a ideias apenas. E para Caeiro, bastam as coisas serem apenas o que elas são, e nada mais. Porque ele gosta das coisas assim, simplesmente por não serem humanas e não terem nenhum parentesco com ele.

Tudo na Natureza segue um ciclo natural, e tudo tem seu tempo, e isso faz o poeta gostar das coisas naturais e o tornar, como ele mesmo diz, “o único poeta da Natureza.” E nela nada é feio, até mesmo um dia de chuva é belo, assim como um dia de sol, sendo cada um como é. Ou seja, tudo que é natural é agradável só por ser natural. E só de estar perto das coisas naturais o faz gozar. Mas quando se afasta, não goza mais, apenas vê.

Toda essa visão de Natureza muda na obra *O pastor amoroso*, em que aparece a mulher amada pelo pastor e quebra esse contato direto que ele tinha com as coisas naturais. Então, o poeta sai do objetivismo absoluto e entra no subjetivismo relativo. A relação do eu-lírico com a Natureza sofre uma transformação, e aquele que antes sentia

as paisagens naturais sozinho, passa a necessitar da presença da mulher amada para sentir a Natureza completamente. Aquele que antes estava sozinho em meio às coisas naturais, agora vai acompanhado da mulher, que não se concretiza, apenas está presente em seu pensamento.

## **Da objetividade à subjetividade**

A Natureza e o Homem sempre foram tomados como temas de discussões de diversos autores, que buscam analisar a relação entre ambos. Em nosso trabalho também não será diferente, mas a nossa finalidade aqui é entender como essa relação está intimamente ligada às obras de Alberto Caeiro, principalmente em *O pastor amoroso*.

Para iniciarmos nossa discussão é necessário citar uma afirmação de Mikel Dufrenne sobre o assunto: “[...] somos parte da Natureza, ainda confundidos com ela, depois de por ela termos sido engendrados” (1969, p.192). Essa frase explica que a origem do Homem está na Natureza primitiva e, como diz Schiller, a natureza associa-se à figura materna, e seu filho vivia entre ela de forma a não pensar nela, inconscientemente, em perfeito equilíbrio com a mesma, na Grécia Antiga: “Os homens viviam num certo estado natural (filosoficamente falando). Nessa altura, o homem estava em união consigo mesmo e com o mundo que o circundava” (SCHELLING, 2001, p. 37). Nesse tempo, a linha de pensamento era o paganismo. Deus era a natureza eterna, governada por um grande espírito absoluto, a essência dele estava na forma, e Ele não existia para pensarmos nele, porque “pensar em Deus é desobedecer a Deus/ porque Deus quis que o não conhecêssemos” (CAEIRO, 2007, p. 41). É essa ideia de Natureza que Caeiro resgata em suas obras *O guardador de rebanhos* e *Poemas Inconjuntos*, onde o poeta possui a objetividade absoluta e vive em meio à natureza, como mostra a estrofe abaixo

O que penso eu do mundo?  
Sei lá o que penso do mundo!  
Se eu adocesse pensaria nisso.

Que ideia tenho eu das coisas?  
Que opinião tenho sobre as coisas e os efeitos?  
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma  
E sobre a criação do Mundo?  
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos.  
E não pensar. É correr as cortinas



Da minha janela (mas ela não tem cortina).  
(2007, p. 38).

Caeiro está ligado à Natureza através de um cordão umbilical e seu desejo é que, ao ser lido, pensem “que sou qualquer coisa natural - / por exemplo, a árvore antiga” (2007, p.33).

Até agora discutimos a ligação entre Homem e Natureza, e não a definimos. A natureza é o real inesgotável, atemporal, analogia, totalidade viva, nela tudo é igual, tudo tem a mesma essência, é injustificável, um organismo vivo, que está em progressão contínua. A natureza simplesmente é. Só essa potência chamada natureza pode produzir o homem, e assim como Dufrenne diz, “ela deseja a si própria no homem”, porque ela está dentro do Homem e nele seu todo se reflete, ou seja, “[...] a natureza é o espírito visível, o espírito é a natureza invisível” (SCHELLING, 2001, p. 12). Isso significa que a Natureza está no espírito, assim como o espírito está na Natureza, então “o sistema da natureza é, simultaneamente, o sistema do nosso espírito” (idem, 2001, p. 87). E, “o que chamamos de natureza é um poema, cuja maravilhosa e misteriosa escritura permanece para nós indecifrável”. (CHÂTELET, 1981, p. 109 e 110).

Para cantar essa Natureza só mesmo um poeta, porque o “poeta não nomeia a Natureza, ele fala ‘das coisas daqui’” (DUFRENNE, 1969, p. 216; aspas do autor). Para Novalis, ele é o único que consegue sentir o espírito da Natureza, e, como diz Caeiro, “a minha poesia é natural como o levantar-se vento...” (2007, p. 53). Ao cantá-la e explicá-la, o Homem explica a si mesmo, pois é parte dela, ele é o próprio rio quando o vê, é a planta quando a olha, entende os animais e torna-se estrela quando a compreende. Mas o que é nomear? Nomear é atribuir conceitos para as coisas. É através da poesia que a “natureza aparece como linguagem” (DUFRENNE, 1969, p. 218), porém a natureza já é poética, e pela poesia expressa-se como poética. Ela é poesia que serve de inspiração para toda poesia.

O que a Natureza fala nas poesias? “Ela não diz nada de seu ser, ela nos diz apenas que é, ela aparece”(idem, 1969, p. 227), essa é sua própria expressão, e através da sua própria voz, ela não diz nada mais que ela mesma. Sentimos na poesia uma natureza que pulsa, nas palavras e nos nossos íntimos, ela fala a linguagem do universo. E o leitor dessas poesias encontra nelas “tesouros indizíveis”, contempla toda a maravilha do universo, como se fosse a primeira vez que contemplasse tudo que vê.

Tudo isso que falamos está presente nas duas obras citadas acima de Caeiro, onde a Natureza fala através das palavras do poeta da Natureza.

Ao longo da história da humanidade, quando surgiu o cristianismo, houve um rompimento da unidade (Natureza/Homem), que era denominada Cosmo, o absoluto, também chamado de UNO. O Homem distanciou-se da Natureza e foi levado ao Caos. Deus deixa de ser Natureza para ser divino, pois como estuda Schelling, “a odisséia da consciência, [...] se transforma até tornar-se uma verdadeira consciência de Deus” (apud CHÂTELET, 1981, p. 121). Assim,

na medida em que eu próprio sou idêntico à natureza, entendo aquilo que é uma natureza viva, tanto quanto entendo a minha própria vida; entendo como esta vida universal da natureza se revela em múltiplas formas em desenvolvimentos sucessivos, numa progressiva aproximação à liberdade, mas mal me separo (e, consigo, a todo o ideal) da natureza, não me sobra nada senão um objeto morto e deixo de compreender como é que é possível uma vida fora de mim. (SCHELLING, 2001, p. 101).

Do inconsciente/objetivo o Homem passa ao estado de consciência/subjetiva, torna-se livre, pois “se pôs em contradição com o mundo exterior” (SCHELLING, 2001, p. 39). E se “a filosofia é obra da liberdade, nasce quando o espírito se separa da Natureza para se interrogar sobre ela e sobre si mesmo” (idem, 2001, p. 12). E se

Para ver as árvores e as flores  
É preciso também não ter filosofia nenhuma.  
Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.  
Há só cada um de nós, como uma cave.  
Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora.  
(2007, p. 99).

Então o Homem livre e intelectual se afasta da natureza, porque quanto mais pensarmos nela, mais distante dela estaremos. O Homem se separa de si mesmo e começa a criar representações de seu mundo exterior, surgindo depois a sucessão dessas representações, que é algo necessário, e é denominado curso da natureza. Essas representações só existem dentro do Homem, fora dele não há sucessão nenhuma.

No Romantismo, os poetas insatisfeitos com a consciência do distanciamento (Homem/Natureza), não sabem como voltar a ser Natureza, então personificam a Natureza, pintando-a com um colorido, dando vida a ela e fazendo com que ela tenha corpo e voz para expressar seus diversos estados de alma. Essa personificação nada

mais é que a insatisfação com o real presente, é o desejo de unidade, a busca pela harmonia tão desejada por eles para chegar ao Absoluto. A Natureza torna-se uma religião, um templo sagrado, e o eu projeta-se na Mãe (Natureza) por ter afinidade com ela e ver nela a extensão de seus sentimentos.

A reflexão dos românticos sobre esse desamparo materno, como diz Schiller, é comparado com a sensação do doente em relação à saúde. E sem encontrar essa perfeita harmonia, o Homem sente-se inadaptado e insatisfeito, mergulhando em um estado de reflexão e liberdade, subjetivismo, conhecido como caos interior, remetendo-nos à teoria da “poesia sentimental” schilleriana, que adentrou em toda lírica contemporânea.

Usar a teoria desses pensadores românticos, como Schiller e Schelling, é importante porque foram eles quem pensaram de forma contundente a relação homem/natureza no final do século XVIII, contribuindo enormemente para a arte romântica e, conseqüentemente, para o pensamento moderno. Neste sentido, o Romantismo já renunciava aspectos de uma consciência dilacerada, que abriria caminhos às dissonâncias da modernidade, como, por exemplo, se manifesta na obra *O Pastor Amoroso*.

### **A obra *O Pastor Amoroso***

A obra *O Pastor Amoroso*, escrita por Alberto Caeiro, é dividida em oito poemas, com estrofes irregulares. Sua forma de escrever parece mesmo uma prosa, e não uma poesia, como é classificada a obra. Todos os versos são livres e brancos. E o eu-lírico da poesia é o próprio Pastor Amoroso.

O Pastor começa a obra fazendo uma comparação entre o seu passado e o presente, uma característica que é muito comum em todo o decorrer da mesma, onde através de referências temporais como “quando eu não te tinha”, “amanhã virás”, “agora que sinto amor”, entre outras, ele compara o eu-lírico das obras *O guardador de rebanhos* e *Poemas Inconjuntos* com o eu-lírico do poema analisado, como mostra o trecho a seguir, que são os primeiros versos de *O Pastor Amoroso*.

Quando não te tinha  
Amava a natureza como um monge calmo a Cristo  
Agora amo a natureza  
Como um monge calmo à Virgem Maria,  
Religiosamente, a meu modo, como dantes,

Mas de outra maneira mais comovida e próxima.  
(CAEIRO, 2007, p. 91).

Como ele mesmo diz, antes, no passado, quando era sozinho e amava apenas a Natureza, esse amor era como um monge que ama Cristo e chega até ele sem intermédio, pois está intimamente ligado a Ele. Porém, quando o Pastor apaixonou-se por uma mulher, o amor dele em relação à Natureza sofre uma interferência; como o eu-lírico diz, agora ele ama a natureza “como um monge calmo à Virgem Maria”, ou seja, há uma quebra na íntima ligação do Pastor com a natureza, e para sentir-se completo ele necessita da figura feminina. Antes, sentia-se completo só em sentir a Natureza, passando de uma ligação para uma “re-ligação”. Essa figura feminina faz o eu-lírico passar de seu objetivismo absoluto para o relativismo, a subjetividade, fazendo-o valorizar os sentimentos e ver as coisas de forma mais comovida e próxima, distanciando-o da visão objetiva, que o fazia apenas ver as coisas sem pensar nelas.

Para ver melhor agora é necessário ele estar acompanhado da mulher amada, e como ele diz, referindo-se à amada: “Tu não me tiraste a natureza.../ Tu não me mudaste a natureza.../ Trouxeste-me a natureza para o pé de mim.” (2007, p. 91), ou seja, ela não o afastou da Natureza, apenas mudou a forma dele olhá-la, que ainda é a mesma, pois a Natureza é imutável. Assim, podemos afirmar que a mulher amada ocupa o lugar que ocupa a Virgem Maria na relação Deus/Natureza.

Essa figura feminina o faz amar a Natureza “do mesmo modo, mas mais”, porém isso só ocorre porque ela o ama. E essa nova forma de amar a Natureza não o faz se arrepender do que foi outrora, porque ele ainda é. Contudo seu único arrependimento é de não ter amado outrora, nos tempos em que era Guardador de Rebanhos.

No segundo poema da obra, o Pastor escreve como se falasse diretamente com a mulher amada, dirigindo-se a ela com o uso da segunda pessoa do singular. Assim, ele confessa

Vai alta no céu a lua da primavera  
Penso em ti e dentro de mim estou completo.

Corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira,  
Penso em ti, murmuro o teu nome; e não sou eu: sou feliz.  
(2007, p. 92).

Antes de conhecer esse amor, o Pastor sentia-se completo ao contemplar os elementos da natureza; agora, além de sentir a natureza, precisa do pensamento, que é a mulher, para sentir-se completo e feliz. Os pensamentos, que eram sensações, tornam-se subjetivos. E como já disse Caetano, “Pensar é estar doente dos olhos”, então seus pensamentos atrapalham sua visão. O “sou feliz” colabora ainda mais para o estado dilacerado do poeta, pois o sentimento de felicidade surge quando se tem também o seu oposto, o de tristeza; então só se é feliz quando se conhece, na mesma medida, a tristeza.

As emoções que são sentidas pelo Pastor lhe trazem a ansiedade, através da antecipação do amanhã, e com isso há a perda da presentificação, ele sai do “estado” e entra no frenesi do tempo corrente, da ansiedade e a constatação da fluidez do tempo, trazendo assim a dualidade. Porque o tempo não está mais em Caetano, mas ele está no tempo, e isso é a porta da angústia. E ele passa a viver o amanhã, esquecendo-se do presente, e contentando-se em assim viver. Antes, ele via com os “olhos físicos”, agora vê com os “olhos internos”, com os sentimentos.

O Pastor, em seus pensamentos, vê uma cena que ainda aconteceria no amanhã, quando a mulher amada fosse colher flores pelos campos com ele, e isso seria uma verdade e uma alegria para ele. Fazendo-o perder o sentido de unidade com a Natureza.

Agora que sente amor,

Tenho interesse nos perfumes  
Nunca antes me interessou que uma flor tivesse cheiro  
Agora que sinto o perfume das flores como se visse uma coisa nova.  
Sei bem que cheiravam, como sei que existia.  
São coisas que se sabem por fora.  
(2007, p. 93).

O amor fez com que Caetano tivesse interesse nos perfumes das flores; antes, apenas queria vê-las e nada mais, bastava vê-las, mas agora tem interesse nos perfumes, não basta ver as flores, também tem de cheirá-las. No passado, flor era flor e perfume era perfume, agora são uma mesma coisa, uma “coisa nova”. Isso não significa que ele não sabia que as flores possuíam perfumes, apenas não tinha interesse em seus perfumes, havia o predomínio da visão sobre os outros sentidos. Quando o eu - lírico fala que agora tem conhecimento sobre haver perfumes nas flores, ele sabe por fora, então, ele só utilizou esse conhecimento quando o sentimento amoroso o fez afastar sua

visão e o fez metaforizar a Natureza, o que significa afastamento e subjetividade. Não é mais a Natureza que se projeta nele, mas ele que se projeta nela por meio de suas emoções e a isso denominamos transcendentalismo.

Durante a leitura da obra, percebemos que o amor se torna uma companhia para o Pastor, que já não sabe andar sozinho pelos caminhos, algo que era comum para ele, em seu isolamento. E andando, um pensamento visível o faz andar mais depressa e “ver menos e ao mesmo tempo gostar de ir vendo tudo” (2007, p. 94). Esse pensamento que o faz andar depressa é a figura feminina, que não se materializa durante a obra, permanecendo apenas nos pensamentos dele. Porém, mesmo ela estando ausente fisicamente, está com ele em seus pensamentos, provocando uma ruptura no seu olhar para as coisas naturais. E se ele não a vê, imagina-a, sentindo-se “forte como as árvores altas” (2007, p. 94); sendo assim, ele se projeta na Natureza e treme se a vê, perdendo suas forças, e não sabe o que sente na ausência dela. Tudo isso mostra que essa mulher torna-se muito importante para ele. E assim, ele se define: “Todo eu sou qualquer força que me abandona” (2007, p. 94); então a imagem da mulher o fez não ter controle sobre si mesmo, e agora a realidade o olha, diferentemente do passado, quando ele olhava a realidade; dessa forma, há uma inversão. Entretanto, esse olhar da realidade é comparado ao girassol, e no meio dele a cara da amada, ou seja, nessa realidade não existe apenas a realidade, mas sim, a realidade e a mulher amada. Anteriormente, só havia o girassol; hoje, é o girassol e a cara da mulher.

No quinto poema, o eu-lírico começa descrevendo sua atual situação, porém fazendo uso da terceira pessoa do singular, como se falasse de um pastor amoroso que é ele mesmo.

O pastor amoroso perdeu o cajado,  
E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,  
E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar. Ninguém  
lhe apareceu ou desapareceu... Nunca mais encontrou o  
[cajado].  
Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as ovelhas.  
Ninguém o tinha amado, afinal.  
(2007, p. 95).

Esses versos são metafóricos e explicam que quando o guardador de rebanhos tornou-se um pastor amoroso, descobrindo o amor, ele perdeu seu cajado, que é o contato direto com a Natureza, e, assim, “as ovelhas tresmalharam-se pela encosta”, as

ovelhas são seus pensamentos, sempre referentes à mulher amada, que o faz pensar demais, fazendo-lhe esquecer da flauta que trouxe para tocar, que representa a tentativa da re-ligação direta com a Natureza. O cajado, aqui, é também simbólico, pois representa sua ligação com os animais e a terra; perdendo o cajado, perderia sua ligação com a natureza. Porém, parece que o eu-lírico retoma seu estado de consciência quando percebe que “ninguém apareceu ou desapareceu”, pois reconhece que a mulher amada não se tornou material, apenas era abstrata. E no verso seguinte ele mostra que não retornou ao seu estado de ligação efetiva com a natureza, pois o pastor “nunca mais encontrou seu cajado”. E conclui: “ninguém o tinha amado, afinal”, apenas ele amou, porque esse amor não foi correspondido. E

Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:  
Os grandes vales cheios dos mesmos vários verdes de sempre,  
As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento,  
A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem, estão  
[presentes.  
(E de novo o ar, que lhe faltara tanto tempo, lhe entrou fresco nos  
[pulmões)  
E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no  
[peito.  
(2007, p. 95).

O Pastor quando conseguiu distanciar-se do seu amor, viu que a Natureza continuava a mesma e era mais real que qualquer sentimento, porque os sentimentos são abstratos. Há uma forte oposição entre “verdade falsa” e “realidade”. O Pastor considera como realidade os vales, as montanhas, o céu, o ar, os campos, toda a Natureza é maior que qualquer sentimento. Não há nesse ponto uma grande oposição que fundamenta todo o texto? Natureza x Sentimento; Objetividade x subjetividade; Fisicalidade x Abstração. E o eu-lírico se mostra consciente dessas contradições, conforme a estrofe acima atesta, e por estar consciente o ar lhe entra “com dor” no peito, agora ele se volta á Natureza dolorosamente, e não naturalmente, como antes.

No sexto poema, o eu-lírico começa dizendo que passa toda a noite pensando na mulher amada, isso se opõe a sua ideia defendida outrora, quando para ele “Pensar é estar doente dos olhos” e agora que o importante é pensar, não importando mais nada, além disso. E assim, ansioso, ele passa a noite “sem saber dormir, vendo, sem espaço, a figura dela,/ E vendo-a sempre de maneiras diferentes do que a encontra a ela.” (2007, p. 96). Ele constrói em seus pensamentos diferentes figuras da mulher amada, e faz seus

pensamentos “com a recordação do que ela é quando fala” (2007, p. 96). E só de pensar nela, esquece-se de se sentir só, a presença da figura feminina o faz sentir-se acompanhado, mas, antes, ele sentia-se bem de estar só entre a Natureza.

Em um dos versos ele diz: “Amar é pensar”, e isso nos mostra que ao amar ele perdeu sua inocência, pois como está escrito em *O guardador de rebanhos*, “Amar é a eterna inocência,/ E a única inocência é não pensar.” (2007, p. 34) Então, ele deveria amar sem pensar, assim como ocorreu quando ele amava a natureza, sem saber o que ela era, “porque quem ama nunca sabe que ama/ Nem sabe por que ama, nem o que é amar...” (2007, p. 34).

Quando o Pastor deseja encontrar a mulher amada, tem “uma grande distração animada”, porque ela não é material, apenas está presente em seus pensamentos. Mas na verdade ele prefere não a encontrar, já que depois terá que deixá-la, mostrando-nos assim a sua forte ligação com ela.

O sétimo poema da obra é iniciado com uma reflexão que o eu-lírico faz sobre o ver e sentir, contrapondo os dois sentidos dos Homens.

Talvez quem vê bem não sirva para sentir  
E não agrade por estar muito antes das maneiras.  
É preciso ter modos para todas as coisas,  
E cada coisa tem o seu modo, e o amor também.  
Quem tem o modo de ver os campos pelas ervas  
Não deve ter a cegueira que faz fazer sentir.  
(2007, p. 97).

Quando inicia o verso com a palavra “talvez”, o Pastor parece refletir sobre sua afirmação sobre quem: “vê bem não sirva para sentir”. Essa frase está coerente mediante a ideologia seguida pelo pastor antes da chegada da mulher amada, quando ele via bem as coisas e as via como se fosse a primeira vez, e assim ver era tudo e não precisava de um outro sentido para o completar; mas isso desagrade a sociedade, pois é um modo de viver diferente do que é pregado pela moral dos Homens, que vivem para sentir. Viver para ver é estar antes das maneiras, algo primitivo e natural. Contudo todas as coisas exigem um modo diferente, e cada coisa tem um modo, assim como o amor também tem seu próprio modo. O modo do amor é pensar. Visão e Sensação se opõem no trecho acima; e, segundo o poeta, as sensações-pensamentos atrofiam a visão, tornando o



sujeito entregue a si mesmo, “de cabeça baixa”, como ele mesmo diz um pouco mais abaixo, na mesma estrofe.

Quem vê os campos pelas ervas não deve deixar que a cegueira do sentir o atrapalhe em ver os campos. Pois o sentir cega as pessoas, não as deixando ver. Depois de contrapor essas ideias, o Pastor faz uma confissão triste e amargurada: “Amei , e não fui amado, o que só vi no fim,/ Porque não se é amado como se nasce mas como acontece.” (2007, p. 97). O Pastor reconhece que apenas ele amou, e esse amor não foi correspondido, o que ele viu só depois de ter amado intensamente. Então, o eu-lírico faz uma comparação entre o amor e a vida, pois não se é amado como “se nasce”, o amor não é algo natural e involuntário, mas é “como acontece”.

Depois ele continua sua confissão, porém agora falando da mulher:

Ela continua tão bonita de cabelo e boca como dantes,  
E eu continuo como era dantes, sozinho no campo,  
Como se tivesse estado de cabeça baixa,  
Penso isto, e fico de cabeça alta.  
(2007, p. 97).

O Pastor, nestes versos, coloca em comparação o antes e o agora, mesmo sabendo que seu amor não fora correspondido, e reconhece que a mulher amada continua “bonita de cabelo e boca”, como era no tempo em que a amava sem ter consciência de que não era correspondido. Mas ele também continua como antes, sozinho no campo, e a esse fato ele compara “como se estivesse estado de cabeça baixa”, pois a ausência dela o faz sentir-se assim. Porém ao pensar nisso, “fica de cabeça alta”, fica de cabeça alta porque ele volta a procurar a Natureza. E ao pensar isso ele chora e o dourado sol seca suas lágrimas. O sol, ao secar as lágrimas, sinaliza a supremacia da natureza sobre a subjetividade.

Em outro verso o Pastor faz uma exclamação consciente: “Como o campo é grande e o amor pequeno!” (2007, p. 97), o amor, comparado à Natureza, é algo pequeno, mas a Natureza é grande. E depois diz: “Eu não sei falar porque estou a sentir./ Estou a escutar a minha voz como se fosse de outra pessoa,/ E a minha voz fala dela como se ela é que falasse” (2007, p. 97). O sentir dele é inexplicável, e agora sente-se estranho a si mesmo, porque atingiu um estado de consciência sobre seu estado atual, e assim ele estranha a própria voz, percebendo que a voz que fala dela é como “se ela é que falasse”, pois ela não tem voz própria por estar apenas nos pensamentos dele.

No final desse poema, o Pastor compara a beleza da Natureza à beleza da mulher amada, mostrando que, para ele, a beleza dela é igual à das coisas naturais, com a diferença de que a beleza dela passara pelo crivo da subjetividade.

No início do oitavo poema o Pastor fala de como ele acorda:

Todos os dias agora acordo com alegria e pena.  
Antigamente acordava sem sensação nenhuma, acordava.  
Tenho alegria e pena porque perco o que sonho  
E posso estar na realidade onde está o que sonho.  
(2007, p. 98).

Agora, todos os dias ele acorda e sente alegria e pena; outrora, acordava apenas, sem ter nenhuma sensação. E nos versos que seguem, o eu-lírico explica-nos o porquê de ele sentir alegria e pena. Sente pena porque ao acordar perde o sonho, que gira em torno da mulher amada; então sente alegria, porque ao acordar está na realidade “onde está” o que sonha. Assim, ele não sabe o que fazer das sensações e nem o que há de ser dele sozinho em meio aos campos. E seu único desejo é: “que ela me diga qualquer coisa para eu acordar de novo” (2007, p. 98), ele quer voltar a amá-la como antes, sem pensar no amor não correspondido.

No final da obra, o Pastor conclui seu poema com a afirmação: “Quem ama é diferente de quem é/ É a mesma pessoa sem ninguém” (2007, p. 98), a “pessoa que ama” e a “pessoa que é” é a mesma pessoa; contudo, a “pessoa que é” apenas não tem ninguém, é sozinha. Então, o amor é uma companhia que vem acrescentar à “pessoa que é”, porém, subtraindo-lhe o ser-para-si.

## Referências

- CAEIRO, A. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. São Paulo: Marin Claret, 2007.
- CHATELET, F. **A filosofia e a história**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- DE NICOLA, J.; INFANTE, U. **Fernando Pessoa**. São Paulo: Scipione, 1995.
- DUARTE, L. P. Fernando, rei da nossa Baviera: um jogo no limite do silêncio. In: \_\_\_\_\_. **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: Editora Pucminas, 2006.
- DUFRENNE, M. **O poético**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- KWJAWSKI, G. M. **Fernando Pessoa, o outro**. São Paulo, 1965.
- LOURENÇO, E. **Fernando, rei da nossa Baviera**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.

MOISÉS, M. **Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge**. São Paulo: Cultrix, 1998.

MOISÉS, M. O Modernismo. In: \_\_\_\_\_. **A literatura portuguesa**. 34° ed. São Paulo: Cultrix, 2000. (p. 235 – 247).

NOVALIS. **Hino à noite**. Trad. Nilton N. Okamoto e Paulo Allegrini. São Paulo: A esfinge editorial, 1987.

PERRONE-MOISÉS, L. Pessoa de todos (os) nós. In: \_\_\_\_\_. **Inútil poesia**. São Paulo: Companhia da Letras, 2000. (p. 145 – 150).

SCHELLING, F. W. J. **Ideias para uma filosofia da natureza**. Lisboa: Imprensa nacional – Casa da Moeda, 2001.

SCHILLER, F. **A educação estética do Homem**. Trad. Roberto Schavarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1999.